

"O GRAVADOR"  
PRIMEIRO RASCUNHO

Escrito por

Luís Eduardo E. Ribeiro

(Baseado no conto homônimo de Rubem Fonseca)

Rua Faustolo, 371  
São Paulo - SP  
CEP 05041-000  
(11) 9272-4021

## "O GRAVADOR"

FADE IN:

INT. CASA DE JORGE VALE - DIA

É mostrada uma cômoda grande com portas de vidro. Dentro dela há uma quantidade muito grande de fitas cassete gravadas, com anotações nas laterais das caixinhas.

JORGE VALE (O.S.)

Eu trabalho com um Grundig,  
um National e um Webcor.

TÉCNICO (VOICE OVER)

Qual está com defeito.

VALE (OFF SCREEN)

São todos estéreo-fônicos. Mas  
algumas coisas eu gravo em  
monoaural.

TÉCNICO (V.O.)

Sim, mas qual está com  
defeito?

VALE (O.S.)

O Webcor. Está com som de  
barril.

TÉCNICO (V.O.)

Deve ser o microfone.

VALE (O.S.)

Talvez.

TÉCNICO (V.O.)

Ou então a cabeça do  
gravador.

VALE (O.S.)

Talvez.

TÉCNICO (V.O.)

O senhor traz o gravador e o  
microfone aqui que eu vou  
ver.

VALE (O.S.)

Não posso... (pausa) O senhor  
não pode mandar apanhar aqui?

Close do gravador pegando a conversa - fita rodando e luzinha do "rec" acesa - e o dedo de Jorge Vale apertando o botão do STOP quando ela acaba.

MONTAGEM:

Uma passagem por todos os cômodos do apartamento de JORGE VALE. É uma residência típica do final dos anos 70, começo dos 80. Como referência, é um apartamento situado no centro de São Paulo. A sala está bem arrumada. Possui uma mesa de jantar pequena feita de madeira escura, um sofá da cor marrom e as paredes, assim como do resto da casa, são brancas mas estão um pouco sujas. Há poucas cores em todos os cômodos. O banheiro possui uma banheira e tudo está impecável, sem nenhum item fora do armário ou fora do lugar. A cozinha está arrumada, com o pano no lugar certo, e sem nenhuma louça para lavar ou para secar. São mostradas algumas fotos de uma mesma pessoa, que estão nos portas retratos que estão na casa, de uma mulher idosa.

Voltamos para as mãos dele, em close. Ele abre uma fita nova, virgem. Coloca no gravador, com cuidado. Confere se o gravador está ligado direito na linha telefônica, confere se está tudo certo também com a configuração mono/stéreo do gravador. Na lateral do papel que é destinado para dar o título e escrever a descrição do conteúdo, ele escreve a data. A câmera fica nesse papel e a ponta da caneta que ele ainda segura, mas ouve-se que ele está virando páginas. Quando o som cessa, ele escreve no papel: 555-1215.

CUT TO:

INT. CASA DE ALDA - DIA

Passeio, sem cortes, pela casa de ALDA. Entre as coisas que são mostradas, está um pote de creme anti-rugas aberto e outros produtos de beleza. A casa tem as paredes com cores entre o amarelo e o laranja. A cozinha está com pratos para secar. O passeio encerra-se em close no aparelho de telefone. Há um número escrito no papelzinho que serve para se anotar o próprio número no aparelho. 555-1215. O aparelho toca. A mão de Alda aparece puxa o aparelho até o rosto. Ela tem o rosto cheio de creme. Do outro lado da linha é Jorge Vale.

VALE(V.O.)

Boa tarde. Aqui é do  
Instituto Brasileiro de  
Opinião.

Alda procura algum pano para limpar a mão pois está suja de creme.

ALDA

O que?

VALE(V.O.)

A senhora quer fazer o favor  
de chamar a dona da casa?

Alda continua e vê que não encontra nada perto.

ALDA

Eu sou a dona da casa.

Alda limpa a mão na cortina, com certo ressentimento.

A câmera volta à casa de Jorge Vale. Close na mão dele segurando a caneta.

VALE(O.S.)

Aqui é do Instituto  
Brasileiro de Opinião  
Pública.

ALDA(V.O.)

Sim, senhor.

VALE(O.S.)

Nós estamos fazendo uma pesquisa de opinião para saber o que pensa o povo brasileiro da eutanásia.

A caneta que ele segura escreve "instituto de pesquisa" no papel.

ALDA(V.O.)

Eutanásia? O senhor se refere ao ato de matar uma pessoa para evitar que ela sofra?

VALE(O.S.)

Exatamente.

ALDA(V.O.)

Sou contra. O senhor pode colocar aí que eu sou contra. Veementemente contra.

VALE(O.S.)

A senhora se incomoda de dar as razões?

ALDA(V.O.)

Não, absolutamente. Acho que o sofrimento deve ser aliviado por entorpecentes, anestésicos, o que for necessário. A vida não deve ser abreviada por motivo algum. O senhor não acha?

VALE(O.S.)

Bem, quem está entrevistando a senhora sou eu.

Volta para a casa de Alda e seu rosto com creme.

ALDA

Sim, eu sei. Mas tenho a impressão de que todos pensam como eu. Não pensam?

VALE(V.O.)

Bem, se a senhora quer dizer que em matéria de eutanásia é impossível dizer-se alguma coisa original, concordo com a senhora. A maioria das pessoas alega que a qualquer momento pode-se descobrir uma cura para o sofrimento.

ALDA

O câncer, por exemplo.

VALE(V.O.)

Ou então que somente Deus pode tirar a vida dos outros.

ALDA

É isso mesmo.

VALE(V.O.)

O que é uma afirmativa horrível, a senhora não concorda?

ALDA

Bem-

VALE(V.O.)

Mas há também afirmações favoráveis, baseadas sempre no desejo de aliviar o sofrimento de alguém considerado irremediavelmente perdido.

ALDA

Mas estão erradas!

VALE(V.O.)

Quase sempre as pessoas que cuidaram exaustivamente de parentes submetidos a uma longa agonia. Ou então enfermeiras. Muitas enfermeiras adotam esse ponto de vista. Isso não a surpreende?

ALDA

É claro que me surpreende.  
Afim de contas existem  
anestésicos, alívios para o  
sofrimento físico.

VALE(V.O.)

E o sofrimento moral?

ALDA

Como assim?

VALE(V.O.)

Quando não há dor física que  
a anestesia possa aliviar.

ALDA

Como assim?

VALE(V.O.)

Uma pessoa angustiada porque  
o mundo não é bom para ela,  
porque perdeu tudo, como Jô,  
por exemplo, porque está só e  
abandonada, porque perdeu a  
esperança-

ALDA

Como assim?

VALE(V.O.)

Uma pessoa sofrendo mental e  
emocionalmente, é o que quero  
dizer.

INSERT - Close na fita rodando. Silêncio.

ALDA

O senhor podia me dizer o seu  
nome?

VALE

Pois não. Jorge Vale.

Close em Alda. Breve Silêncio.

ALDA

Senhor Jorge, eu agora estou muito ocupada, eu - eu não poderei continuar conversando com o senhor.

VALE

Mas minha senhora, perdoe minha insistência, mas o inquérito não está terminado, há muitas coisas que gostaria ainda de lhe perguntar. A nossa pesquisa é muito séria e participando dela a senhora está contribuindo para a elaboração de um importante documento social-

ALDA

Eu lhe telefono depois. Eu posso lhe telefonar depois?  
(breve pausa)  
Eu lhe telefono depois.

INSERT - Close no gravador girando. Ouve-se tu-tu na linha, ouve-se também o click do stop do gravador de Jorge Vale.

Alda, após desligar, vai tirar o creme do rosto. Assim que ela tira a máscara inteira, JORGE, o marido de Alda, chega.

Jorge é gordo.

Eles se vêem e vão jantar na cozinha.

JORGE

Carne congelada, num é?

ALDA

É o que tinha.

JORGE

Sabia.

CUT TO:

INT. CASA DE VORGE VALE - ESCURECENDO

Close no gravador.

"Senhor Jorge, eu agora estou muito ocupada, eu - eu não poderei continuar conversando com o senhor"

Rewind e seu som respectivo.

"Senhor Jorge, eu agora estou muito ocupada, eu - eu não poderei continuar conversando com o senhor"

Fast Forward e som.

"Eu lhe telefono depois. Eu posso lhe telefonar depois?"

Rewind e som.

"Eu lhe telefono depois. Eu posso lhe telefonar depois?"

Ouve-se tocar o telefone, close na mão dele. Ele pega uma outra fita que já estava separada, coloca no gravador, aperta o REC, e aparece a luzinha vermelha do gravador acesa. Ouve-se ele atender ao telefone.

VALE (O.S.)

Alo!

MÃE DE VALE (V.O.)

Meu filho?

CLOSE EM UMA FOTO DELA

VALE (O.S.)

Sim, mamãe.

MÃE DE VALE (V.O.)

O teu telefone vive ocupado.  
Com quem é que você conversa tanto?

CLOSE NA FITA 555-1215

VALE (O.S.)

Com meus amigos!

MÃE DE VALE (V.O.)

Você não tem amigos.

CLOSE NAS MILHARES DE FITAS

VALE (O.S.)

Ora, mamãe, a senhora é que não os conhece.

MÃE DE VALE (V.O.)

Como, se você nunca sai de casa?

VALE (O.S.)

Mas tenho e pronto.

MÃE DE VALE (V.O.)

Mas você não sai de casa!

CLOSE EM OUTRA FOTO DELA, COM O ROSTO TRISTE

VALE (O.S.)

(irritado)

Ora, mamãe...

MÃE DE VALE (V.O.)

Está bem. Não precisa se zangar com sua mãe.

VALE (O.S.)

Não estou zangado.

MÃE DE VALE (V.O.)

Fico preocupada com você aí sozinho.

TOMADA DO BANHEIRO, NO ARMÁRIO DO BANHEIRO

VALE (O.S.)

Mas não precisa. Sei tomar conta de mim.

MÃE DE VALE (V.O.)

Está bem. Logo mais vou aí pra ver se está tudo bem.

Foco na cortina da janela, Jorge Vale abre ela, o foco não vai para o ambiente de fora, que permanece desfocado. Ele solta a cortina.

VALE (O.S.)

Não precisa. Já disse um milhão de vezes que não precisa.

MÃE DE VALE (V.O.)

Vou aí pra te ver.

VALE(O.S.)

Já disse um milhão de vezes  
que não precisa! Sei me virar  
sozinho.

MÃE DE VALE(V.O.)

Vou aí para ajudar. Para te  
ver.

VALE(O.S.)

Eu sei me cuidar.

MÃE DE VALE(V.O.)

Meu filho... Oh meu filho,  
você é tão teimoso.

Gravador girando.

FADE OUT

FADE IN

INT. CASA DE JORGE VALE - DIA

Gravador girando.

VALE(O.S.)

Alo!

ALDA(V.O.)

Alo?

VALE(O.S.)

Não terminamos a conversa de  
ontem.

ALDA(V.O.)

Ah, é o senhor?

VALE(O.S.)

Sou eu.

ALDA(V.O.)

Como tem passado o senhor?

VALE(O.S.)

Bem, e a senhora?

ALDA(V.O.)

Bem. Obrigada. O senhor sabe  
que eu não sei o seu nome?

VALE(O.S.)

É Jorge. Jorge Vale. Eu lhe  
falei ontem, não falei?

(pausa)

Quem não sabe o seu nome sou  
eu.

Silêncio.

ALDA(V.O.)

Aa-alice. Alice.

VALE(O.S.)

Pois é Dona Alice, eu fiquei  
aguardando que a senhora me  
telefonasse, mas depois me  
lembrei que eu não havia lhe  
dado o meu telefone.

ALDA(V.O.)

É verdade.

(pausa)

O que que o senhor faz?

VALE(O.S.)

Minha profissão?

ALDA(V.O.)

É.

VALE(O.S.)

Sou pesquisador de opinião pública. Como distração faço música concreta. É uma música de ruídos que se transformam em sons, aumentando e diminuindo a velocidade da gravação. Os ruídos são todos montados numa fita que depois que depois a gente ouve. Como se fosse um filme - cada som um fotograma. É a minha distração preferida.

ALDA(V.O.)

Eu gosto de ler.

VALE(O.S.)

Isso eu também gosto. Mas sou um homem de ação. Não posso ficar sentado muito tempo.

(pausa)

Por sentado quero dizer ficar sem fazer nada. Entendeu?

ALDA(V.O.)

Mas ficar lendo não é ficar sem fazer nada, o senhor não acha?

VALE(O.S.)

Acho. Mas gosto de coisas que me ocupem, que me dêem trabalho físico, o que a leitura evidentemente não dá.

ALDA(V.O.)

Isso é porque o senhor não é dona de casa. A coisa que a dona de casa mais gosta é ficar deitada, sem fazer esforço. Nós andamos quilômetros dentro de casa. O senhor sabia que nós andamos quilômetros dentro de casa, de um lado pro outro, da cozinha pra sala, da sala pro banheiro, e de volta para a cozinha e para a sala? - é uma coisa que não termina nunca. O senhor é casado?

VALE(O.S.)

Eu? Não, moro sozinho.

ALDA(V.O.)

Mas deve ter alguém para arrumar sua casa, fazer sua comida. Uma empregada, quero dizer.

VALE(O.S.)

Não, não tenho. Eu mesmo arrumo a minha casa, faço a minha comida. Às vezes minha mãe vem aqui, ver como vão as coisas. Mas prefiro que ela não venha, sei tomar conta de mim mesmo.

ALDA(V.O.)

O senhor é um homem excepcional. É a primeira vez que ouço falar numa coisa dessas.

VALE(O.S.)

Que coisa dessas?

ALDA(V.O.)

Um homem auto-suficiente. Todos os homens são tão dependentes! Tem sempre uma mulher tomando conta deles.

VALE (O.S.)

Mas existem as exceções.

ALDA (V.O.)

É isso mesmo.

VALE (O.S.)

E a senhora, é solteira?

ALDA (V.O.)

Não, sou casada...

VALE (O.S.)

Ah, sei.

ALDA (V.O.)

Mas sou muito feliz com o meu marido.

VALE (O.S.)

Tem filhos?

ALDA (V.O.)

Não, não, nós, eehh, nós não temos filhos.

VALE (O.S.)

Ah, sei.

ALDA (V.O.)

Mas é um casamento muito feliz o nosso. Dizem que os filhos fortalecem o matrimônio, nós não temos filhos, mas nem por isso o nosso casamento é menos feliz.

VALE (O.S.)

Sim, é lógico. Tudo depende-

ALDA (V.O.)

Das pessoas se entenderem. Tudo depende das pessoas se entenderem.

VALE (O.S.)

É, tudo depende das pessoas se entenderem.

ALDA(V.O.)

O senhor deve ser muito moço.  
A sua voz é de um homem muito  
moço. Cheio de vitalidade.

VALE(O.S.)

Tenho trinta anos.

ALDA(V.O.)

Então não ficará solteiro  
muito tempo. Nessa idade os  
homens correm um enorme  
risco.

VALE(O.S.)

Um risco? A senhor quer dizer  
que o casamento é uma questão  
de sorte?

ALDA(V.O.)

Talvez. Não sei. Eu tive  
muita sorte, sou muito feliz  
no meu casamento, mas vejo  
tanta gente infeliz por aí,  
casais que não se entendem,  
que vivem uma vida de cão e  
gato, ou então uma vida  
triste, sem entusiasmo, sem  
amor, em que ambos se  
conforma com a vida miserável  
que levam, sem coragem de  
partir os laços que os unem e  
começar uma vida nova. Tenho  
muita pena dessa gente,  
talvez por ser feliz e poder  
ter pena dos outros, em vez  
de ter pena de mim mesma.

Silêncio.

VALE(O.S.)

Ligo para a senhora amanhã.

ALDA(V.O.)

O senhor deve ter outras  
coisas para fazer e eu aqui  
prendendo o senhor no  
telefone.

VALE(O.S.)

Não, não, absolutamente.  
Tenho mesmo que-

ALDA(V.O.)

Eu sei, eu sei.

VALE(O.S.)

Por favor, a senhora não  
pense que-

ALDA(V.O.)

É claro que não, eu, eu a-  
guardo o seu telefonema.

VALE(O.S.)

Então, até logo. Ligo amanhã.  
Até logo.

INT. CASA DE ALDA - NOITE

Jorge entra bêbado. Tenta acariciar Alda que não  
consente. Ele segura um livro de contos eróticos na mão.

JORGE

...Ele enfiou uma mão por  
dentro da blusa de Célia  
fazendo que a ponta dos  
mamilos se levantassem  
chamando pelas pontas dos  
dedos daquele homem. Célia,  
respirava mais forte próxima  
do ouvido de Arnaldo. Num ato  
de rendição, ela pegou a mão  
dele e desceu até onde sua  
saia acabava. Ele tocou suas  
coxas fazendo com que ela  
fechasse com mais força os  
olhos e a mão que segurava o  
braço dele. Ao subir um pouco  
ele sente a-

ALDA

Jorge!

JORGE

Eu acho que você devia ler  
isso. Vai te fazer bem.

Jorge tenta simular os mesmos movimentos que acabara de ler, mas Alda fica indiferente.

INT. CASA DE ALDA - QUARTO - NOITE

Close no olho de Alba, que está aberto, não se mexe nem pisca. Jorge está grunhindo como um porco. Pelo tranco que é percebido em Alda e pelos sons de Jorge percebe-se que eles estão transando. Percebe-se que ele tem o orgasmo e se vira pro lado. Ouve-se um princípio de ronco.

Ela se levanta, vai tomar um banho na banheira. Percebe o livro que o marido estava lendo para ela ali no banheiro. Ela se masturba lendo o livro.

Ela volta para a cama. Jorge ronca. Ela cutuca e ele para. Instantes depois, ele volta. Ela tenta de novo. Acontece o mesmo. Ela, depois de algumas vezes fica ouvindo os roncos. Ela chora.

A imagem vai sumindo em fade out e o som do ronco dele vai ficando agudo e acelerado, lembrando o som de uma fita sendo acelerada com as vozes distorcidas.

FADE OUT

FADE IN

INT. CASA DE JORGE VALE - DIA

O som de fita acelerada segue enquanto o fade se abre em um close no botão de Fast Forward apertado do gravador de Vale. Ouve-se apertando o STOP. Vê-se muitas e muitas fitas com o número 555-1512 escrito e com diversas datas. Ele aperta play e o que se ouve é a gravação da conversa dele com Alda no momento em que ela está falando: "Talvez. Não sei. Eu tive muita sorte, sou muito feliz no meu casamento, mas vejo tanta gente infeliz por aí, casais que não se entendem, que vivem uma vida de cão e gato, ou então uma vida triste, sem entusiasmo, sem amor, em que ambos se conformam com a vida miserável que levam, sem coragem de partir os laços que os unem e começar uma vida nova. Tenho muita pena dessa gente, talvez por ser feliz e poder ter pena dos outros, em vez de ter pena de mim mesma."

Close no gravador e na mão de Vale. Ao término do trecho ele aperta STOP. O telefone toca. Ele mexe um pouco no gravador, aperta REC, fita girando. Atende.

VALE(O.S.)

Alo?

ALDA(V.O.)

Oi, sou eu.

VALE(O.S.)

Oi.

ALDA(V.O.)

Hoje está fazendo 3 meses que nos conhecemos.

VALE(O.S.)

Hoje?

ALDA(V.O.)

Hoje, sim, dia 23. Os homens não guardam datas, mas as mulheres guardam.

VALE(O.S.)

Eu tenho péssima memória.

ALDA(V.O.)

Você está arrependido?

VALE (O.S.)

Arrependido?

ALDA (V.O.)

De ter me conhecido?

VALE (O.S.)

Não, claro que não.

ALDA (V.O.)

Nem eu. Nós ainda não nos vimos, mas eu conheço você como se você fosse, fosse - meu irmão. Um irmão de quem eu gostasse muito.

VALE (O.S.)

Você para mim é mais do que isso.

ALDA (V.O.)

Sou mesmo?

VALE (O.S.)

Mais do que uma irmã.

ALDA (V.O.)

O que eu sou? Diz pra mim.

VALE (O.S.)

Eu não sei dizer. Só sei que penso em você o tempo todo.

ALDA (V.O.)

Eu também, eu também penso em você o tempo todo. Você também é mais que um irmão para mim.

Silêncio. Fita rodando.

ALDA (V.O.) (CONT.)

Eu estou muito feliz. Há anos que não me sinto tão feliz assim.

VALE (O.S.)

Eu também, Alice.

ALDA(V.O.)

Meu nome não é Alice. É Alda. Há muito tempo que eu queria lhe dizer isso, mas fiquei com vergonha de confessar que havia mentido. Mas agora não me incomodo. Eu menti para você... Meu nome é Alda. Foi a única mentira que eu disse para você. Nunca mais mentirei, meu bem. Nunca mais, eu sei que nunca mais.

VALE(O.S.)

Não faz mal. Eu não pensava em você como Alice. Eu pensava em você como alguém, uma mulher, cuja voz eu precisava ouvir diariamente para poder ter alguma alegria na vida. Também menti: não sou de nenhum instituto de opinião.

ALDA(V.O.)

Se você soubesse como você é tudo para mim!

VALE(O.S.)

Eu sei. Você também é tudo para mim.

ALDA(V.O.)

Você mudou a minha vida, Jorge. Eu era muito infeliz, sabe? Meu bem, essa foi outra mentira que eu disse para você.

VALE(O.S.)

Qual?

ALDA(V.O.)

Lembra o dia em que te disse que era muito feliz com o meu-

VALE (O.S.)

Lembro.

ALDA (V.O.)

Pois era mentira. Eu nunca fui feliz com ele. Nunca. E muito menos agora. Só você me dá felicidade. E sua voz, as coisas que você me diz, a sua lembrança que levo para a cama todas as noites e que me faz dormir um sono bom e tranqüilo, só você, a quem eu amo, viu?, só você me faz feliz!

CORTE

INT. CASA DE ALDA - TARDE

O Marido dela chega.

JORGE

Hoje nós vamos ao cinema.

INT. CASA DE ALDA - NOITE

Jorge entra e está suado pela caminhada. Tira a roupa e fica de cueca, andando pela casa. Alda quando entra, está infeliz, com cara de quem assistiu um filme que não gostou. Jorge pega uma cerveja, depois outra, assiste TV. Close na barriga e na pele dele. Ele dorme vendo TV e ela pega dinheiro na carteira dele.

Vemos, depois, Jorge dormindo na cama, roncando e ela pensativa.

INT. CASA DE ALDA - DIA

Ela escreve uma carta sentada na mesa de jantar.

ALDA (V.O.)

Não quero mais viver com  
você, não quero e não adianta  
pedir. Nosso gênio não  
combina, minha vida é  
infeliz. Você arranjará uma  
boa mulher. O melhor é eu ir  
embora e não quero nada de  
você, nem pensão nem nada.

Ela relê. Chora. Rasga. Vai em direção do telefone.

CORTE

INT. CASA DE JORGE VALE - DIA

Gravador girando.

VALE (O.S.)

Eu vou bem, e você?

ALDA

Eu vou bem. Pensou em mim?

VALE (O.S.)

Muito.

ALDA

Eu também. Sem parar um  
instante.

VALE (O.S.)

Pensei em você sozinha e em  
você em relação a mim. Pensei  
em nós dois.

ALDA

Meu bem, igualzinho a mim.  
Também pensei em nós dois.  
Antes eu ficava imaginando  
coisas assim como a cor dos  
teus olhos ou o jeito da tua  
boca, ou em como seriam os  
teus dedos e para tudo eu  
inventava uma coisa. Os teus  
olhos eram verdes, tua boca  
tinha duas covinhas e era  
larga, de dentes brancos e  
certos, teus dedos fortes, de  
unhas limpas, tudo isso eu  
pensava e repensava, mudava a  
cor dos olhos, o formato da  
boca. Mas essas eram as  
coisas que eu pensava no  
início. Agora isso já não  
importa, tudo que importa em  
você eu já conheço, não  
preciso mais imaginar: é a  
capacidade que você tem de  
fazer da relação entre o  
homem e a mulher alguma coisa  
digna e bonita. Espero que  
entenda, eu ainda não vi você  
nem estivemos juntos, mas  
posso desde logo prever tudo,  
você me entende, não? Sabe o  
que eu quero dizer com isso  
tudo, não sabe?

VALE(O.S.)

Claro, meu bem. Não  
precisamos nos ver para saber  
disso.

ALDA

Mas agora quero ver você,  
tenho uma coisa muito  
importante para te dizer e  
tem que ser pessoalmente, é  
melhor se for pessoalmente,  
não sei, sabe, como dizer  
isso pelo telefone. Alô, alô,  
Jorge?

VALE (O.S.)

S-Sim.

ALDA

Pensei que você tinha  
desligado.

VALE (O.S.)

Não... não, é que-

ALDA

Não estou ouvindo nada, quer  
falar mais alto?

VALE (O.S.)

Eh... hum, eh...

ALDA

Não estou entendendo nada.

VALE (O.S.)

Não sei se já podemos.

ALDA

Podemos o quê?

VALE (O.S.)

Nos encontrar.

ALDA

Mas o que impede?

VALE (O.S.)

Não sei.

ALDA

Ah, meu bem, deixa de ser  
bobo, deixa de ser bobinho,  
nós vamos nos encontrar na  
rua, para conversarmos. Tenho  
uma coisa muito importante  
para te dizer.

VALE (O.S.)

Você não pode dizer pelo  
telefone? Diz pelo telefone.

ALDA

Não posso. Quer dizer, posso, mas não quero, acho que devo te dizer isso pessoalmente, entendeu?

VALE(O.S.)

Não. Acho que qualquer coisa que pode ser dita pessoalmente, pode ser dita pelo telefone.

ALDA

Mas, meu bem, eu quero encontrar com você, tenho essa coisa para te dizer!

VALE(O.S.)

Mas que coisa é essa tão importante que você não pode me dizer pelo telefone? Você parece criança, fazendo mistério e vai ver é uma bobagem à toa.

ALDA

Está certo, meu bem, esquece isso, eu não quero te irritar-

VALE(O.S.)

Eu não estou irritado, minha querida, palavra de honra, não estou mesmo. Sei lá, acho que saio tão pouco dessa casa que só em pensar nisso fico perturbado.

ALDA

Você quer que eu vá até aí?

VALE(O.S.)

Não!

ALDA

Jorge!

VALE

Me desculpa, meu bem, eu hoje não estou num bom dia.

ALDA

Eu sei, querido, eu sei, querido, mas não se preocupe com isso não, viu? Eu entendo.

VALE(O.S.)

Quem tem razão é você, meu bem; nós temos que nos encontrar mesmo, mais dia, menos dia. Olha! Você quer se encontrar, está bem, nós nos encontramos. Mas olha, eu não sou nada do que você está pensando, nada.

ALDA

Eu sei, meu bem.

VALE(O.S.)

Você não sabe nada.

ALDA

Está certo, não sei nada. Você realmente está com um gênio terrível hoje.

VALE(O.S.)

Você sabia que eu, que eu...

ALDA

Sim, meu bem...

VALE(O.S.)

Que eu..

ALDA

Alô, alô...

VALE (O.S.)

Eu...

ALDA

Você está se sentindo mal meu bem? Aconteceu alguma coisa?

VALE (O.S.)

Não, estou bem.

ALDA

Você está tão diferente...

VALE (O.S.)

Onde é que você quer se encontrar comigo?

ALDA

Onde você quiser meu bem.

VALE (O.S.)

Não, você diz.

ALDA

Na praça, no centro, perto da estátua., daquela estátua que você diz ser muito feia.

VALE (O.S.)

Quando?

ALDA

Amanhã, de manhã, às 10  
horas. Está bem?

VALE (O.S.)

Está.

ALDA

Nem dormirei, pensando no meu  
encontro. Estou tão feliz,  
Jorge!

VALE (O.S.)

Até amanhã.

ALDA

Até amanhã.

Close na mão. Ele aperta o botão no telefone que deliga,  
e o solta na seqüência. Disca.

VALE (O.S.)

Mamãe?

MÃE DE VALE (V.O.)

Sim, meu filho, como vai  
você?

VALE (O.S.)

Vou bem.

MÃE DE VALE (V.O.)

Vai bem mesmo?

VALE(O.S.)

Vou, mamãe, vou.

MÃE DE VALE (V.O.)

Tua voz está diferente.

VALE(O.S.)

Eu vou bem, mamãe, eu vou  
bem, mamãe, eu vou bem,  
mamãe.

MÃE DE VALE (V.O.)

Está certo, não precisa me  
maltratar.

VALE(O.S.)

Eu não quero maltratar a  
senhora. Só quero que a  
senhora mande o Pedro aqui  
amanhã.

MÃE DE VALE (V.O.)

Você vai sair?

VALE(O.S.)

Mande o Pedro aqui amanhã,  
mamãe.

MÃE DE VALE (V.O.)

Você vai sair?

VALE (O.S.)

Mande o Pedro aqui amanhã,  
mamãe, bem cedo.

FADE OUT

FADE IN

INT. CASA DE ALDA - DIA

Close no olho aberto de Alba. Ouve-se, instantes depois, o despertador de seu marido e ele se levantando.

Alba agora está sozinha em casa e se arruma em frente ao espelho. Close no olhar dela. Algumas rugas e uma aparência de cansada com um ar de esperança. Ela se maqueia cuidadosamente. A princípio se maqueia de uma maneira mais tradicional, com cores tradicionais. Depois, limpa-se e maqueia-se novamente de maneira mais ousada.

EXT. PRAÇA - DIA - CHUVOSO

Chove fino, Alda espera de pé na praça, bem no centro. Na praça estão uma babá com duas crianças e um paralítico sendo empurrado pelo seu empregado. Passam alguns homens por Alda e ela sempre fica na expectativa de que seja Vale.

A chuva vai piorando e o cabelo e a maquiagem de Alda vão se estragando.

ALDA

Jorge não veio.

Na hora que ela vai embora a mesma baba e o mesmo paralítico ainda estão na praça.

INT. CASA DE ALDA - DIA

Alda em casa, molhada da chuva, pega o telefone e disca. Ouve-se o tom de chamando durante um bom tempo. Ela tenta de novo. Ouve-se que o marido dela chegou. Ela desliga e liga de novo.

INT. CASA DE JORGE VALE - TARDE

Close no gravador. Sem fita, desligado. Ouve-se que o telefone está tocando. No deslocamento da câmera vemos a mão de Jorge Vale segurando a cortina aberta da janela e vemos nitidamente que sua roupa está molhada de como quem ficou debaixo da chuva um bom tempo. A roupa dele é a mesma do paraplégico da praça.

O telefone para e volta a tocar algumas vezes. Depois de um tempo, em um dos intervalos quando o telefone cessa de tocar, Jorge Vale vai ao telefone e disca.

VALE (O.S.)

Mamãe?

MÃE DE VALE (V.O.)

Meu filho, o que foi que aconteceu? Liguei para você o dia inteiro e você não atendeu.

VALE (O.S.)

Nada, não quis atender o telefone.

MÃE DE VALE (V.O.)

Você vive me assustando!

VALE (O.S.)

Vem aqui, mamãe, vem aqui hoje.

MÃE DE VALE (V.O.)

Sim, meu filho, vou imediatamente. Você quer que a mamãezinha ponha você para dormir, quer?

VALE (O.S.)

Sim, mamãe, quero, vem me pôr  
para dormir.

FIM